

A Semana de Arte Moderna chega à capital do Brasil: Disputas em torno da recepção do modernismo, 1921–1925

Rafael Cardoso

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Freie Universität Berlin

• rafaelcardoso.email@gmail.com

DOI <https://doi.org/10.34913/journals/lingualugar.2022.e970>

A recepção da Semana de Arte Moderna pela imprensa do Rio de Janeiro, então capital federal, ajuda a elucidar como o movimento foi avaliado em sua época. O impacto contemporâneo da Semana foi bem menor do que sugere a historiografia que a consagrou após 1945. O presente artigo examina a cobertura dada à Semana nos principais órgãos jornalísticos do Distrito Federal entre o momento logo anterior à sua realização e o final de 1925. Identifica-se uma disputa intensa em torno da liderança modernista, em que Oswald de Andrade e Mário de Andrade buscavam afirmar sua respectiva ascendência, ambos em relação a Graça Aranha, então visto amplamente como iniciador e chefe do movimento. As divisões entre facções são refletidas no alinhamento de veículos como os jornais *O País* e *Correio da Manhã*, assim como a revista *Careta*, que ao antagonizar o movimento, ajudou a lhe dar projeção.

Palavras-chave: Semana de Arte Moderna; modernismo; recepção; história; imprensa; Rio de Janeiro.



La réception de la Semaine d'art moderne par la presse de Rio de Janeiro, alors capitale fédérale, permet d'éclaircir la manière dont le mouvement a été évalué en son temps. L'impact contemporain de la Semaine a été bien moindre que ce que suggère l'historiographie qui l'a consacrée après 1945. Le présent article examine la couverture de la Semaine dans les principaux journaux du district fédéral entre la période précédant immédiatement la Semaine et la fin de l'année 1925. Il identifie une intense dispute sur le leadership moderniste, dans laquelle Oswald de Andrade et Mário de Andrade ont cherché à affirmer leur filiation respective, tous deux par

rapport à Graça Aranha, alors largement considéré comme l'initiatrice et la tête du mouvement. Les divisions entre les factions se reflètent dans l'alignement de véhicules tels que les journaux O País et Correio da Manhã, ainsi que le magazine Careta, qui, en exposant les antagonismes du mouvement, ont contribué à lui donner plus de visibilité.

Mots clés : *Semaine d'art moderne ; modernisme ; réception ; histoire ; presse ; Rio de Janeiro.*

Há muita insinceridade nesse chamado movimento moderno.
Manuel Bandeira

O reconhecimento de outras correntes modernistas, fora de São Paulo, é um dos aspectos cruciais da revisão historiográfica iniciada há várias décadas e atualmente intensificada por ocasião do centenário da Semana de Arte Moderna (Pimenta Velloso, 2010, pp. 11-34; Cardoso, 2022a, pp. 13-39). Situar o impacto relativo de cada uma dessas correntes avulta como tarefa fundamental para que se possa chegar à devida compreensão histórica do que foram os movimentos modernistas no Brasil. O presente artigo analisa a recepção da Semana de 1922 nos principais jornais e revistas publicados na capital federal e com circulação em âmbito nacional. O propósito é dimensionar como o evento e suas decorrências foram percebidos pelo público leitor mais amplo, entre 1921 e 1925.

Ao contrário da imprensa paulista, onde despertou polêmica e estardalhaço (Fabris, 1994, pp. 139-179), a Semana de Arte Moderna foi recebida com indiferença na capital do Brasil. Os jornais do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, mal registraram o ocorrido. O sóbrio *O País* foi o primeiro a anunciar o evento, dez dias antes, na seção "Vida Social". A nota destacou os nomes dos patrocinadores e participantes e assegurou, com polidez protocolar: "O apoio conseguido pela iniciativa de Graça Aranha e o programa da semana garantem o seu melhor sucesso, que promete ter a maior repercussão em todo o país" ("Vida Social", 1922, p. 5). Contrariando o prognóstico, o assunto mal repercutiu no próprio jornal.

Pouco após o encerramento da Semana, ela voltou a ser mencionada na mesma seção d’*O País*, em 18 de fevereiro de 1922, mas apenas para constatar que Graça Aranha, Ronald de Carvalho e Renato Almeida, que haviam viajado do Rio para São Paulo, seguiram caminho para Santos a fim de participar de um banquete em homenagem a Elysio de Carvalho. Depois só foi referida novamente em 1923. Em 1925, *O País* já anunciava o fim do movimento gerado a partir da Semana:

Curioso fenômeno este que oferece S. Paulo atual: o aguerrido agrupamento literário da nova geração que cerrara fileiras em torno da flâmula escarlate da Reforma – cuja grande batalha campal feriu-se em 1923, a Semana de Arte Moderna – acabou por dissolver-se (Menotti del Picchia, 1925, p. 4).

O apagamento era tamanho que o artigo chegou mesmo a errar a data, grafando 1923 em vez de 1922. Pouco importa se essa falha foi do articulista, Menotti del Picchia, ou da editoria do jornal. O fato é que a “batalha campal” estava suficientemente distante para que poucos se recordassem dela.

O *Jornal do Commercio*, mais antigo diário do país, também deu a notícia em data próxima ao seu acontecimento. Uma nota sob o título e subtítulo “Interior. S. Paulo” pinçou três fatos relevantes do noticiário da província e os arrolou em ordem de presumível importância: “Tentativa de assassinato – O capitão Marcolino Fagundes na capital – A ‘Semana de Arte Moderna’” (“Interior”, 1922, p. 2). Pouco tempo depois, encerrado o evento, o jornal voltou a lhe dedicar espaço, em coluna que veiculou a queixa da pianista Guiomar Novaes, segundo a qual a Semana pecou por seu caráter exclusivista e intolerante (“Pelo mundo das artes”, 1922, p. 2; Sevckenko, 1992, p. 273).

Do ponto de vista de um diretor de redação na capital federal, não havia mesmo muito o que noticiar. Não fosse a participação de Guiomar Novaes, então uma celebridade nacional, e de Graça Aranha, escritor ilustre e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), a Semana teria se resumido a uma ação entre amigos, a maioria jovem e pouco conhecida. Pesava positivamente na balança o apoio de parcela importante da burguesia paulista, e o nome de Paulo Prado aparece com destaque nas avaliações tanto d’*O País* quanto do *Jornal do Commercio*. Porém, nem essas notabilidades foram suficientes para despertar o interesse dos outros grandes diários da capital. Datam de 1923 a 1924 as primeiras menções à Semana no *Correio da Manhã*, na *Gazeta de Notícias*, em *O Jornal* e *A Noite*. Ainda que tardias, algumas dessas notícias trataram

o evento como fato notório – “a já célebre ‘Semana de Arte Moderna’”, conforme a apelidou Ronald de Carvalho (Carvalho, 1924, p. 1). Célebre, por paradoxo, sem ter sido celebrada pelos jornais.

Dentre as principais revistas de circulação nacional, apenas *Careta* tratou da Semana ainda em 1922 e, mesmo assim, para polemizar com ela. No dia 1º de abril, quase seis semanas após o encerramento do evento, um artigo de página inteira, assinado com o pseudônimo “Ataka Perô” e datado “S. Paulo – 1922”, lançou um ataque furibundo aos “quatro gênios da quadrilha: o Menotti cataglotista, os dois indecifráveis Andrade (o das banhas e o dos alentados queixos) e o complicado Brecheret” (Ataka Perô, 1922, s.p.). O tom de animosidade pessoal sugere que o autor se situava nas bordas do movimento, sendo talvez desafeto dos modernistas paulistas. Todavia, por sair em periódico de circulação nacional, esse artigo serviu para alçar a Semana a um patamar de atenção que lhe escapara até então. A polêmica veio tanto a calhar que é mesmo de se perguntar se “Ataka Perô” não estava mancomunado com a quadrilha que criticava.

Três meses depois, em julho de 1922, na mesma revista *Careta*, foi a vez de Lima Barreto soltar sua invectiva contra o dito “futurismo”. A famosa coluna em que o autor desancou São Paulo por mandar ao Rio “umas novidades velhas de quarenta anos” não foi motivada pela Semana em si, que sequer é mencionada em suas linhas, mas para acusar recebimento do número inaugural da revista *Klaxon*, enviada ao autor por Sérgio Buarque de Hollanda. Com sua verve ácida, Lima fingiu duvidar, de início, se *Klaxon* não seria “uma revista de propaganda de alguma marca de automóveis americanos”, até se dar conta “que se tratava de uma revista de Arte, de Arte transcendente, destinada a revolucionar a literatura nacional e de outros países, inclusive a Judeia e a Bessarábia” (Lima Barreto, 1922, s.p.). Mais do que o sarcasmo, que mal ou bem é uma atenção, a omissão de qualquer menção à Semana dá uma ideia de sua relativa desimportância.

A Semana obteve recepção mais simpática na pequena revista *América Brasileira*, dirigida por Elysio de Carvalho, ainda um nome em destaque no meio literário da capital, embora marcado pela excentricidade de seu trabalho policial e por seu tradicionalismo católico (Galeano; Rodrigues de Oliveira, 2017, pp. 9-13). Na edição de 4 de março de 1922, a revista anunciou:

Realizou-se, em S. Paulo coroada do maior êxito, a *Semana de Arte Moderna*, promovida pelo escritor Graça Aranha, com o concurso de numerosos

artistas moços do país, desejosos de contribuir para um movimento de renovação estética, no Brasil, de sorte a tornar a nossa arte mais livre e mais brasileira (“Semana de Arte Moderna”, 1922, s.p.).

Como não podia deixar de ser, *América Brasileira* situou seu editor Elysio no bojo dos acontecimentos, como um dos poetas cujos versos foram lidos no palco do Teatro Municipal de São Paulo, e ainda referiu outros expoentes menos reconhecidos pela historiografia, a exemplo de Oswald Goeldi, cujo nome circulou no noticiário sobre o evento, embora não conste do catálogo da exposição.

A insistência no nome de Graça Aranha não se deve a nenhuma distorção dos fatos. Fora de São Paulo, sua liderança do movimento era tida como ponto pacífico. Não somente os jornais cariocas o tratavam de idealizador da Semana e chefe do grupo modernista. Joaquim Inojosa, aliado insuspeito dos jovens paulistas e principal propagandista do movimento em Pernambuco, atribuiu reiteradamente ao escritor maranhense essa posição em seu panfleto *O Brasil brasileiro* (Inojosa, 1977) – isso, em pleno 1925. Mesmo entre os simpatizantes, perdurou por bons anos a falta de consenso a respeito da Semana e sua relevância para o modernismo. Em abril de 1924, também na revista *América Brasileira*, foi a vez do próprio Mário de Andrade desdenhar dela:

A Semana de Arte Moderna não representa nenhum triunfo, como também não quer dizer nenhuma derrota. Foi uma demonstração que não foi. Realizou-se. Cada um seguiu para seu lado, depois. Precipitada. Divertida. Inútil. A fantasia dos acasos fez dela uma data que, creio, não poderá mais ser esquecida na história das artes nacionais (Andrade, 1924, p. 115).

O vaticínio de Mário foi certo. Fruto da fantasia dos acasos, a data não seria mesmo esquecida. Demoraria, porém, para ganhar o sentido histórico que passou a lhe ser imputado após 1945 (Cardoso, 2022b, pp. 17-34).

Liderança disputada

Em seus primeiros anos de existência, o caráter do movimento modernista permaneceu obscuro para o público que assistia de fora. Em fins de 1925, o vespertino carioca *A Noite* resolveu criar um “mês modernista” para explicar aos seus leitores do que se tratava o tal futurismo (como ainda era chamado) que, segundo o jornal, agitava a Europa e estava:

[...] a invadir tudo, os jornais, as revistas, as livrarias, os magazines da moda, os salões chics. Dizem que já empolgou até a arquitetura e está

caminhando para invadir as cozinhas. Já há edifícios futuristas em Paris, já há molhos futuristas nos restaurantes parisienses. Avança. Empolga (“O mez modernista que ia ser futurista”, 1925, p. 1).

A fim de realizar o intento, o jornal prometeu veicular as opiniões de seis autores – Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Milliet, Manuel Bandeira, Martins de Almeida, Mário de Andrade e Prudente de Moraes Neto – definidos como “a fina flor do modernismo literário”. Começou logo por Mário, “o papa deles”, o qual correu para assegurar que não eram futuristas nada, mas modernistas (“O mez modernista que ia ser futurista”, 1925, p. 1). Assim nasceu, em longa entrevista veiculada no dia seguinte, um sábado, o apelido “papa do futurismo”, pelo qual Mário de Andrade passou a ser tratado (“Assim falou o papa do futurismo”, 1925, pp. 1-2).

Quem conhece a história do movimento modernista pode estranhar algumas omissões dessa lista de eleitos pelo jornal *A Noite*. Entre outros, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Ronald de Carvalho, então despontavam com força nos debates sobre modernismo no Brasil. Os nomes escolhidos – dois de São Paulo, dois do Rio, dois de Minas, conforme frisou o jornal – representam os aliados mais próximos a Mário de Andrade. De acordo com o anônimo entrevistado de *A Noite*, o entrevistado recebeu a ideia do mês modernista “com foguetórios de elogios. Esplêndido! Maravilhoso! Sublime!” (“Assim falou o papa do futurismo”, 1925, p. 1). Pudera! O destaque dado a ele destoava da cobertura em outros órgãos da capital. Mário sequer era percebido como o principal postulante entre os jovens intelectuais de São Paulo, pois esse papel cabia a Oswald de Andrade.

Na conferência “O espírito moderno”, pronunciada na ABL em 19 de junho de 1924 – episódio que deu início ao seu rompimento com a instituição – Graça Aranha dirigiu a seguinte crítica ao que percebia como o pendor primitivista dos jovens modernistas:

Se escaparmos da cópia europeia não devemos permanecer na incultura. Ser brasileiro não significa ser bárbaro. Os escritores que no Brasil procuram dar de nossa vida a impressão de selvageria, de embrutecimento, de paralisia espiritual, são pedantes literários. Tomaram atitude sarcástica com a presunção da superioridade intelectual, enquanto os verdadeiros primitivos são pobres de espírito, simples e bem-aventurados (Graça Aranha, 1925, pp. 43-44).

Embora a acusação não fosse endereçada a ninguém em particular, Oswald de Andrade vestiu a carapuça. Menos de uma semana depois, publicou um ataque violento a Graça Aranha no *Correio da Manhã*, inti-

tulado “Modernismo atrasado”, no qual fez questão de se apontar como o alvo oculto da crítica. Hábil polemista, Oswald acusou o palestrante de “me identificar com uma perícia de gabinete policial, num trechozinho de sua palestra, deixou de pôr meu nome e minhas qualidades”. Por via das dúvidas, citou por extenso o trecho em questão, e voltou para si o holofote da polêmica. Em seguida, disparou chumbo grosso contra o eminente acadêmico:

Graça Aranha é dos mais perigosos fenômenos de cultura que uma nação analfabeta pode desejar. Leu mais duas linhas que os outros, apanhou mais três ideias além das de uso corrente e faquirizado por uma hipnose interior, crédulo e ingênuo, quer impor à outrance os seus últimos conhecimentos, quase sempre confusos e caóticos (Andrade, 1924, p. 2).

O restante do artigo é dedicado a provar que as ideias de Graça Aranha eram derivadas de modelos franceses, mal digeridos, e que seu conhecimento do modernismo era recente e superficial.

O artigo “Modernismo atrasado” foi estratégico não somente para alavancar Oswald à posição de rivalizar com Graça Aranha, como também por comportar a primeira menção à Semana de Arte Moderna nas páginas do *Correio da Manhã*, talvez o mais influente diário da capital em matéria de cultura. O mesmo jornal havia veiculado, três meses antes, o “Manifesto da poesia Pau Brasil”, porém este aparecera na página “Letras & Artes” numa terça-feira (18/03/1924), soterrado sob o peso de um artigo sobre “Minas no moderno movimento literário” e abaixo de “O homem da Amazônia”, “A viuvez da Academia”, “Aspectos do caráter feminino através da letra” e dois poemas de Marguerite Flori Bracet, que ocupavam o centro da página. Apesar da celebridade póstuma, o manifesto esteve longe de obter destaque no jornal que o veiculou. Manuel Bandeira ainda lhe deu alguma atenção, mesmo que negativa, no jornal concorrente *Gazeta de Notícias*, rebatizando-o de “Manifesto Brasil da poesia pau” e declarando a si mesmo “passadista” (Bandeira, 1924, p. 4).

Ao contrário do manifesto, “Modernismo atrasado” foi publicado no caderno principal do *Correio da Manhã*, ocupando o alto da segunda página, onde costumavam aparecer artigos de opinião. De modo pouco usual para o jornalismo da época, o texto foi veiculado uma segunda vez: na primeira página da revista *Para Todos* – editada por Alvaro Moreyra, que viria a se tornar o maior aliado de Oswald no Rio de Janeiro, ao longo dos anos seguintes – na edição de 5 de julho de 1924. Com um intervalo de dez dias, a polêmica de Oswald repercutiu em dois grandes órgãos da imprensa, garantindo sua divulgação em âmbito nacional. A disputa entre

Oswald e Mário, ambos mordiscando os calcanhares de Graça Aranha, demonstra o quanto a recepção do movimento modernista permaneceu aberta e ambígua entre os anos 1921 e 1925.

Modernismo em questão

Dois balanços jornalísticos do modernismo internacional ajudam a iluminar como o conceito “arte moderna” era entendido pela opinião pública brasileira dos anos 1920. O primeiro é uma reportagem na popular *Revista da Semana* glosando uma conferência sobre o tema, realizada na Biblioteca Nacional em fins de 1921. O texto trata de futurismo e cubismo e é ilustrado por obras de Pablo Picasso, Pierre-Antoine Gallien, Chana Orloff, Nicholas Roerich, Sergei Soudeikine, Lado Goudiachvili e Alexandre Benois (Correia, 1921, s.p.). Os últimos nomes, distantes do senso comum sobre a Escola de Paris que viria a prevalecer na década de 1930, apontam a familiaridade do conferencista, José de Lubecki, com os balés russos. O segundo balanço, publicado em 1925 no *Correio da Manhã*, abarca futurismo, cubismo, expressionismo, surrealismo e até ultraísmo e simultaneísmo, resumidos pelo jornalista José Clemente, tido então como autoridade no assunto. Os únicos brasileiros referidos entre os modernos são Graça Aranha e Manuel Bandeira (Clemente, 1925, p. 4).

Longe de prevalecer qualquer consenso, os conceitos de *arte moderna* e *modernismo* eram objeto de disputas discursivas na década de 1920. O próprio Graça Aranha, tido como figura de proa do movimento, podia ser ora incensado ora castigado pelo mesmo veículo. Em junho de 1925, o *Correio da Manhã* noticiou um banquete em homenagem ao escritor e citou por extenso suas opiniões sobre literatura, arte e até arquitetura modernas (“Uma festa literária”, 1925, p. 3). Em outubro do mesmo ano, a coluna “Para ler no bonde”, uma das mais destacadas do jornal, dedicou seu espaço a fazer troça impiedosa de Graça, satirizando a reinvenção continuada de sua persona pública como um truque a partir de uma obra só: o romance *Canaã* (Luiz, 1925, p. 2).

Enquanto isso, os jovens veteranos da Semana de Arte Moderna brigavam para conquistar espaço na grande imprensa e alimentavam-se das pequenas polêmicas. Em maio de 1923, mais de ano após o encerramento da Semana, a revista satírica *D. Quixote* lançou um ataque na forma de dois artigos assinados sob o pseudônimo Borba Rato, ambos intitulados “Da terra dos bandeirantes”. O primeiro dirigiu-se sarcasticamente a Oswald de Andrade como “chefe confesso da nossa extraordinária Renovação ou Inovação Estética” e desancou os integrantes da

Semana por terem fracassado no propósito de introduzir o futurismo no Brasil. O autor nomeou ainda Mário de Andrade, Guilherme de Almeida e René Thiollier, detalhando acusações contra cada um. Uma semana depois, o segundo artigo estendeu o ataque a Graça Aranha e concluiu: “Continuamos pacientemente a esperar que apareçam os futuristas por aqui. O Futurismo é uma coisa muita séria e é uma ousadia sem nome lançar-se mão dele para vomitar-se imbecilidades de todo o gênero”. Em agosto, sob a mesma rubrica, Borba Rato voltou a castigar “o incidente futurista no Brasil” e a distinguir “Mario Marinetti” com a violência de seus ataques (Borba Rato, 1923, s.p.).

Assim como Ataka Perô no ano anterior, a pormenorização agressiva de Borba Rato sugere alguma animosidade pessoal. Mas, qual o sentido de polemizar com a Semana mais de ano após sua realização? Deixar o assunto morrer não teria sido mais eficaz do que lhe dar o oxigênio da publicidade? Não se deve descartar as intrigas de âmbito local. O segundo artigo de Borba Rato apareceu numa página que ostenta ao alto a frase “D. Quixote em S. Paulo”. A revista *Careta* também voltou a atacar os ditos futuristas por volta da mesma época, em julho de 1923. Um artigo extenso intitulado “A idiotice que pretende ser arte”, assinado por Ildefonso Falcão, lamentou que:

[...] espíritos da envergadura dos srs. Graça Aranha, Ronald de Carvalho e Renato Almeida, poetas vitoriosos da força dos srs. Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia, artistas íntegros, sem necessidade de quaisquer "ismos", apadrinhem a arremetida dos medíocres de topete (Falcão, 1923, s.p.).

A ausência dos nomes de Oswald de Andrade e Mário de Andrade não deixa dúvidas quanto aos topetudos que o autor tinha em mente.

Ao longo de 1923 e 1924, os dois Andrade foram ganhando espaço na imprensa do Distrito Federal. Em março de 1923, Renato Almeida emplacou um extenso elogio a Mário de Andrade n’*O País*, em artigo intitulado “A reação moderna”, segundo o qual:

Na renovação moderna, que atravessamos, acompanhando todo o mundo, o sr. Mário de Andrade permanece isolado. Combatendo a mesma batalha de um grupo admirável, que o sr. Graça Aranha, na Semana de Arte Moderna, apresentou como transformador da nossa arte e da nossa cultura, o autor da Pauliceia Desvairada é único, de si próprio, mestre, guia e senhor (Almeida, 1923, p. 3).

O trecho é notável por dois motivos: primeiramente, pelo fato de um *insider* do grupo de 1922 reconhecer a liderança de Graça Aranha,

contrariando as pretensões e posterior reivindicações de seus rivais. Em segundo lugar, ele é notável por atribuir a Mário a condição de destaque isolado, a grande revelação literária do movimento.

Apesar desse artigo, *O País* permaneceu ecumênico na atenção dispensada às diversas facções modernistas. O jornal era pioneiro no Brasil na discussão da arte moderna – por ter publicado na primeira página, em 11 de maio de 1912, o artigo “A pintura moderna. Do impressionismo ao futurismo”, do escritor catalão Alfons Maseras. Mesmo após 1922, o órgão não tomou partido, mas manteve-se circunspecto no trato dispensado ao movimento. Noticiou com riqueza de detalhes a conferência de Graça Aranha na ABL, em 20 de junho de 1924, sob o título “Futurismo versus passadismo”. Em 1926, abriu espaço para a discussão das ideias modernistas com a série “O que pensam e sentem os homens moços do Brasil”, na qual foram ouvidos Menotti del Picchia, Tristão de Athayde, Martins de Almeida e Afonso Arinos de Melo Franco, entre outros.

A ascensão de um certo modernismo

O maior rival d’*O País* a essa época, na cobertura diária do cenário cultural, era o *Correio da Manhã*. Foi nas páginas deste último jornal que alguns membros do grupo modernista lograram levar a discussão do movimento para além da igreja dos iniciados. Em dezembro de 1923, Di Cavalcanti, que já colaborava com o jornal como ilustrador, enviou uma colaboração escrita de Paris, comentando a vida cultural da capital francesa e as tendências na pintura, ilustrada com três desenhos originais. Mesmo sem mencionar os artistas brasileiros então residentes em Paris, Di incluiu uma farpa contra o meio artístico no Brasil, “onde os pintores continuam preocupados com o academismo” (Di Cavalcanti, 1923, p. 2). De resto, trata-se de texto bastante convencional, notável mais pela ausência de referências atualizadas.

Três dias depois, em 12 de dezembro, um artigo de Oswald de Andrade ocupou o espaço nobre da primeira página do *Correio da Manhã*. “Vantagens do caos brasileiro” é um libelo nativista, a favor de abraçar as raízes da formação cultural brasileira:

O nosso trabalho deve ser, pois, a simples continuação nacionalizante dessas tendências já definidas e mesmo chegadas a um caráter de tradição: em música, o ritmo do índio e o canto negro; nas artes plásticas, a ingenuidade dos mulatos místicos; na literatura, o “folclore”. Não se evitem, porém, novas informações (Andrade, 1923, p. 1).

Para quem lê com a vantagem da retrospectiva, esse precioso texto é o embrião dos dois manifestos produzidos por Oswald nos anos seguintes, o “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” e o “Manifesto Antropófago”. Compartilha com eles várias premissas e entrega a derivação delas com a candura das ideias ainda em gênese. Nesse sentido, merece um estudo mais detalhado do que permite o escopo do presente artigo. Compete apenas ressaltar a importância de sua conclusão para o pensamento oswaldiano: “Sejamos antes caóticos, mas livres, que um dia seremos pessoais” (Andrade, 1923, p. 1).

O artigo “Vantagens do caos brasileiro” mereceu do jornal um preâmbulo, relativamente longo, com o intuito de situar o autor, então desconhecido dos leitores do *Correio da Manhã*. Ele é apresentado ao público como o “Evangelista do Brás e do Montparnasse”, um “apóstolo” regendo o “pequeno cenáculo” que o jornal descreve da seguinte forma:

Acha-se agora em Paris um grupo interessante de artistas brasileiros. São moços, cheios de entusiasmo, cheios de fé: são ‘novos’. Entre eles, ao lado de Tarsila do Amaral – cujo ateliê é um centro onde se cruzam as mais interessantes personalidades das escolas avançadas – ao lado de Brecheret, que já é em Paris uma figura de vencedor, encontram-se o nosso Di Cavalcanti e Oswald de Andrade (Andrade, 1923, p. 1).

A menção a Di Cavalcanti como “nosso” sugere que a entrada do grupo para a pauta do jornal carioca se deu por intermédio dele, o que tende a se confirmar pela anterioridade imediata de seu texto “De Paris”. Também é digno de nota que o movimento renovador tenha sido apresentado como novidade vinda de Paris, não de São Paulo.

Permanece obscuro quem exatamente resolveu veicular em primeira página o artigo de Oswald e escrever esse preâmbulo laudatório, mas é de se presumir que decisão de tal monta tenha passado pelo crivo do então diretor-substituto do jornal, Mário Rodrigues – efetivamente o chefe da redação – ou até mesmo do seu diretor, Paulo Bittencourt, filho do dono do jornal. Acima do título está posto o cabeçalho “Considerações atuais”, e o preâmbulo não economiza no encômio ao autor:

Oswald de Andrade é um dos porta-vozes desse grupo de gente nova que quer acabar com nossas tradições artísticas, medíocres e estrangeiradas, por meio de fórmulas novas e audaciosas, tudo o que o Brasil possui de belo e forte, original e nobre. É tempo de olharmos a nossa Natureza e de aproveitarmos o tesouro que nos oferecem as nossas camadas populares (Andrade, 1923, p. 1).

Chamar Oswald de *um* dos porta-vozes é correto, mas a ausência de outros nomes como Mário de Andrade, Ronald de Carvalho ou Vicente do Rego Monteiro – artista que, dentre os brasileiros, era o que mais poderosamente se afirmava a essa época em Paris – é significativa para o olhar histórico. O destaque dado a Oswald o projetou a uma posição de vantagem sobre esses e outros rivais.

A partir dessa estreia no final de 1923, a colaboração de Oswald de Andrade com o *Correio da Manhã* passou a ser frequente. Em 19 de fevereiro de 1924, a página “Letras & Artes” do jornal republicou – sob o título “Era nova, arte nova”, seguido do subtítulo “Como Oswald de Andrade define ‘A questão estética do momento’” – uma entrevista concedida pelo escritor a uma revista de São Paulo. Pouco tempo depois, em 18 de março, foi a vez de aparecer nessa mesma página o “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. Encerrando o primeiro semestre do ano, veio o polêmico ataque a Graça Aranha, “Modernismo atrasado”, agraciado com a visibilidade do primeiro caderno. No curto espaço de seis meses, Oswald passou de colaborador estreante no jornal à condição de assunto da notícia e rival de um dos grandes nomes do meio intelectual brasileiro. Para uma posteridade acostumada a saber desde sempre quem foi Oswald de Andrade, é fácil ignorar o quão espantosa foi essa progressão rápida de ilustre desconhecido do público carioca a figura de projeção nacional.

Considerações finais

A recepção do modernismo paulista pela imprensa do Rio de Janeiro joga luz sobre o impacto exercido pela Semana de Arte Moderna em sua decorrência imediata. Em contraposição ao mito triunfalista construído entre 1945 e 1972, o acontecimento em si foi bem menos revolucionário do que supõe grande parte da historiografia, quase toda constituída a partir de São Paulo. Na década de 1920, a capital paulista ainda era bastante provinciana em termos artísticos, nove fora sua potência econômica e influência política. Por maior que tenha sido a repercussão local da Semana, ela quase não influenciou no cenário cultural mais amplo. Seus participantes ainda precisaram passar pelo crivo da capital da República antes de ganharem projeção nacional.

Na percepção geral da época, a liderança do movimento coube a Graça Aranha. Por isso, é compreensível que seu rompimento com a ABL, em 1924, tenha sido entendido por muitos contemporâneos como o episódio deflagrador do modernismo no Brasil, mais do que a Semana de Arte Moderna. É digno de nota o caminho trilhado por Oswald de Andrade,

através da imprensa carioca, a fim de firmar sua ascendência. Ao examinar atentamente a cronologia dos fatos, constata-se que a conferência “O espírito moderno” ocorreu três meses depois da publicação do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. A sensacional ruptura de Graça Aranha com a Academia certamente ofuscou o manifesto como fofoca literária. A frustração resultante explicaria a agressividade da reação de Oswald em “Modernismo atrasado”, texto que rescende claramente à estratégia de se firmar pela ofensa a um nome consagrado.

O papel relativamente apagado de Mário de Andrade, na primeira metade da década de 1920, é outro ponto que merece ponderação. No momento em que o jornal *A Noite* o coroou “papa do futurismo”, no final de 1925, o poeta ainda era pouco conhecido fora de São Paulo. O apelido deve ter surpreendido a todos – não menos, ao próprio. Em se considerando a centralidade de Mário para a consolidação posterior do movimento, merece atenção crítica o modo como ele conquistou essa liderança. Não resta dúvida que, após 1930, Mário alcançou a consagração como principal representante do movimento de 1922, suplantando não somente Graça Aranha, falecido em 1931, como também o rival Oswald de Andrade. A devida compreensão histórica desse processo ajudaria a esclarecer o quanto os fatos da Semana de Arte Moderna correspondem, ou não, à sua mitificação posterior.

Bibliografia

- Anônimo (1925). "Assim falou o papa do futurismo". *A Noite* (RJ), 12/12/1925.
- (1922). "Interior". *Jornal do Commercio* (RJ), 10/02/1922.
- (1925). "O mez modernista que ia ser futurista". *A Noite* (RJ), 11/12/1925.
- (1922). "Pelo mundo das artes". *Jornal do Commercio* (RJ), 22/02/1922.
- "Uma festa literaria". (1925). *Correio da Manhã* (RJ), 20/06/1925.
- (1922). "Vida Social". *O Paiz* (RJ), 01/02/1922.
- Almeida, R. de. (1923). "A reacção moderna (aproposito de Mario de Andrade)", *O Paiz* (RJ), 19/03/1923.
- Andrade, M. de. (1924). "Chronica de Malazarte. VII". *America Brasileira*, 28/04/1924.
- Andrade, O. de. (1923). "Vantagens do cahos brasileiro". *Correio da Manhã* (RJ), 12/12/1923.
- (1924). "Modernismo atrazado". *Correio da Manhã* (RJ), 25/06/1924.
- Ataka Perô. (1922). "O mortorio do futurismo". *Careta*, 01/04/1922.
- Bandeira, M. (1924). "Poesia Pau Brasil". *Gazeta de Noticias* (RJ), 30/03/1924.
- Borba Rato. (1923). "Da terra dos bandeirantes". *D. Quixote*, 02/05/1923, 09/05/1923 e 22/08/1923.
- Cardoso, R. (2022a). *Modernidade em preto e branco: Arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (2022b). "A reinvenção da Semana e o mito da descoberta do Brasil". *Estudos Avançados*, 36/104.
- Carvalho, R. de. (1924). "A revolta dos anjos". *O Jornal* (RJ), 16/01/1924.
- Clemente, J. (1925). "Sobre o modernismo". *Correio da Manhã*, 19/06/1925.
- Correia, L. (1921). "Arte moderna. José de Lubecki". *Revista da Semana*, 31/12/1921.
- Di Cavalcanti, E. (1923). "De Paris". *Correio da Manhã*, 09/12/1923.
- Fabris, A. (1994). *O futurismo paulista: Hipóteses para o estudo da chegada da vanguarda ao Brasil*. São Paulo: Perspectiva.
- Falcão, I. (1923). "A idiotice que pretende ser arte". *Careta*, 28/07/1923.
- Galeano, D. e Rodrigues de Oliveira, M. (2017). "Apresentação". In: Carvalgo, E. de. *Escritos policiais*. Rio de Janeiro: Contracapa/Faperj.
- Graça Aranha, J. P. da. (1925). *Espirito moderno*. São Paulo: Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato.
- Inojosa, J. (1977). *A arte moderna & O brasil brasileiro (edição comemorativa do cinquentenário)*. Rio de Janeiro: Editora Meio-Dia.
- Lima Barreto, A. H. de. (1922). "O futurismo". *Careta*, 22/07/1922.
- Luiz. (1925). "Para ler no bonde". *Correio da Manhã* (RJ), 20/10/1925.
- Menotti del Picchia, P. (1925). "A actualidade literaria paulista". *O Paiz* (RJ), 01/10/1925.
- Pimenta Velloso, M. (2010). *História & modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- "Semana de Arte Moderna". (1922). *América Brasileira*, 04/03/1922.
- Sevcenko, N. (1992). *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras.